

O DESAFIO DE CONTEXTUALIZAR PRINCÍPIOS BÍBLICOS SOBRE FAMÍLIA¹

Madalena de Oliveira Molochenco²

INTRODUÇÃO

O convite que recebi me pedia para falar sobre a família contemporânea que é marcada por marido e mulher que trabalham e estudam, tornando-se cada vez mais iguais enquanto pessoas que agem, reagem, têm sonhos e projetos pessoais. Como entender na família contemporânea a liderança e a submissão.

Falar sobre família enfocando a submissão e liderança não é tarefa fácil, principalmente se falado por uma mulher diante de um público masculino em sua maioria e para complicar, formado por pastores.

O tema família, princípios bíblicos, as posições do homem e da mulher, tem sido palco de muitas discussões e interpretado de diferentes formas.

Estarei trabalhando alguns enfoques nesta tarde, a saber:

1. A família – alguns conceitos
2. Conceituação Bíblica de submissão e liderança
3. A pessoa, a individualidade e a responsabilidade familiar
4. A expressão da submissão e a da liderança em amor

1. A família

Ao falar sobre família não temos como deixar de lado nossa própria história, nossas crenças, nossos valores que constituem nosso pensamento.

Alguns temas discutidos no âmbito deste assunto, incomodam alguns porque mexem diretamente com sua pessoalidade, seus valores e sua história.

Os modelos, tradicionais, caracterizaram a família dentro dos moldes do patriarcalismo. Segundo a professora Gina Strozzi (2004) essa palavra, patriarcal, vem da raiz “patri” significando aquele que cuida do patrimônio, que sustenta e mantém a família. Este modelo de família patriarcal instituído vem sofrendo grandes transformações no decorrer dos séculos. Muitos estudiosos têm se empenhado em estudar a história da família, entre estes cito Philippe Áries (1981:231) que afirma que a família antes do século XV era uma

“realidade moral e social, mais do que sentimental ... Nos meios mais ricos, a família

¹ Palestra proferida no Encontro Anual da Ordem dos Pastores Batistas do Estado de São Paulo em 28 de julho de 2004 na cidade de Atibaia, SP.

² Bacharel em Educação Religiosa, Bacharel em Pedagogia, Pós-Graduação em Magistério do Ensino Superior, Lato Sensu em Psicopedagogia, Mestra em Distúrbios do Desenvolvimento. É Coordenadora Acadêmica da Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

se confundia com a prosperidade do patrimônio, a honra do nome. A família quase não existia entre os pobres, e quando havia riqueza e ambição, o sentimento se inspirava no mesmo sentimento provocado pelas antigas relações de linhagem”.

Este mesmo autor nos aponta que a família nuclear burguesa aparece por volta do século XVIII com o surgimento da escola, da igualdade entre os filhos, a valorização do sentimento fortalecida pela igreja e caracteriza a figura masculina como aquele que se responsabiliza pela vida externa e a mulher como responsável pelo mundo interno com o cuidado da casa e dos filhos.

Heloisa Szymanski (2002), psicóloga educacional, citando Gomes designa duas formas de caracterizar a família: A família pensada e a família vivida. A família pensada foi descrita como aquela resultante da união em amor de um homem com uma mulher cujo sonho é de um relacionamento saudável onde a autoridade seja respeitada. A família vivida é aquela que acontece que não foi carinhosamente planejada, mas que tem a intenção de permanecer.

Jorge Maldonado (1996), pastor e terapeuta familiar, ao descrever a família nos tempos bíblicos nos alerta quanto à necessidade de pesquisar contextos culturais, momentos históricos, costumes e limitações sociais ao afirmar nossas bases teológicas sobre casamento e família. Grandes mudanças foram constatadas desde o Novo Testamento em relação aos papéis sociais. Jesus desafiou as tradições, abriu espaços, quebrou tabus para fazer as pessoas entenderem que diante de Deus todos somos iguais. Muitas destas mudanças afetaram a esfera da família.

Com certeza a família passa por grandes transformações em sua conceituação e hábitos. Merval Rosa (2003) aponta a questão da disciplina como um fator primordial na harmonia do ambiente familiar e fala sobre 3 fatores que levam à harmonia na família: o respeito à dignidade dos seus componentes (de marido para esposa, de esposa para marido, de filhos para pais e de pais para filhos), a importância de regras que regulem o tratamento mútuo e afirma que pais indisciplinados e imaturos emocionalmente não reproduzem uma família disciplinada.

Se a família de se pensar família passa por grandes transformações sociais como fica a posição bíblica de submissão e liderança em amor colocadas como princípios bíblicos nos relacionamentos homem/mulher/compromisso.

2. Conceituação bíblica de submissão e liderança

Nos comentários estudados, a submissão da mulher não se caracteriza por uma posição de inferioridade em relação ao marido, mas sim de uma obrigação em amor. Por

mais duro que isso possa parecer para uma mulher independente do século XXI, a expressão bíblica é clara: “a mulher esteja sujeita a seu marido”. Francis Foulkes (1963:128) ao comentar a carta do apóstolo Paulo aos Efésios nos dá a entender que o sentido neste texto, quando fala da submissão ao marido utilizando a expressão “como ao Senhor”, não compara a relação marido/ esposa com a relação esposa e senhor celestial, mas sim atribui o sentido de que quando a mulher é submissa ao marido é como se fosse um dever cumprido **no Senhor** e então é feito **como ao Senhor**.

A submissão tem sido mal compreendida por esposas e por maridos. A submissão na bíblia traz a idéia de companheirismo mais do que obediência irrestrita. Se foi um princípio ditado há milhares de anos atrás num contexto completamente diferente do de hoje, como interpretá-lo para a mulher do ano de 2004? Não respondo a pergunta agora mais tarde estarei comentando sobre a expressão da submissão.

Ao falar do amor do marido, as palavras do apóstolo aos Efésios são mais duras. O amor é comparado ao cuidado com o próprio corpo. Segundo Francis Foulkes (1963:130) esse amor é o amor Ágape. Aquele que

“não guarda qualquer resquício de egoísmo, que não procura a satisfação própria, nem mesmo afeição como resposta à afeição, mas que luta pelo mais alto bem da pessoa amada. Este amor tem por padrão e modelo o amor de Cristo para com sua igreja ... é em pregado para lembrar os maridos que não devem pensar no que esperam lhes seja devido pelas esposas, mas no que eles devem fazer em sacrifício e devoção”. (Foulkes: 130)

O paralelo do amor de Cristo pela igreja e do marido para com sua esposa, traz a conotação de cuidado, zelo, amor sem medida. Do ponto de vista da mulher este tipo de amor a faz pensar em proteção e cuidado. A necessidade de sentir-se protegida e cuidada é característica de uma mulher, e de uma forma ou de outra ela busca proteção e cuidado no homem com quem quer compartilhar a vida. Bom seria que todas as mulheres merecessem tamanho amor e devoção e todo homem fosse digno de expressar tamanho amor. Algumas das grandes dificuldades que permeiam o relacionamento entre homem e mulher estão relacionadas às posições de liderança em amor e submissão no contexto bíblico do casamento.

Interessante, é notar que o paralelo bíblico não é de **liderança e submissão**, mas sim de **amor e submissão**. Ele exerce amor, expressa amor e ela lhe é submissa, expressa submissão e é por ele amada.

Toda mulher quer ser amada e muito amada. O amor do marido lhe traz segurança e ela precisa sentir-se segura ao lado do homem que ama. A atitude de submissão traz a

ele conforto e confiança em sua liderança. Se é difícil para uma mulher aceitar o fato de ser liderada talvez ela deva pensar na responsabilidade de liderança do homem diante de Deus. Já ouvi alguns homens afirmarem que melhor dar contas ao marido do que dar contas ao Deus Vivo!!

Quando a bíblia fala que o marido é o cabeça está lhe atribuindo a posição de líder. Tal posição lhe traz privilégios mas também grande responsabilidade. Como um homem pode ser líder do lar nos dias de hoje quando as posições em relação ao “patri” ligada tão diretamente à renda familiar se equiparam nos dias de hoje? Como exercer liderança se há necessidade de estar dividindo de forma tão semelhante muitas papeis no lar? Estaremos falando tarde sobre a expressão da submissão e da liderança em amor.

3. A pessoa, a individualidade e a responsabilidade familiar

A questão relacionada à posição de igualdade nos remete às questões que dizem respeito à individualidade e nos faz pensar a respeito da distinção entre pessoa, casal e família.

Tive a curiosidade de pesquisar alguns dados sobre a família brasileira e busquei alguns nos resultados do último censo no site do IBGE.

A maioria das dissoluções conjugais acontece entre os 30 a 34 anos.

A dissolução conjugal muitas vezes leva a mulher a assumir a liderança da família. As estatísticas apontam que existem 33.634.466 homens que tem a responsabilidade pelo domicílio (expressão usada pelo IBGE) e existem 11.160.635 mulheres que tem a responsabilidade domiciliar. Um terço me parece uma proporção bem alta. A região que identifica mais essa característica é a região sudeste do Brasil e a maioria está localizada na região urbana. Em 1981 o número de mulheres como referência da família era de 16,9% em 2001, 20 anos depois este número pula para 27,3 %.

Em paralelo a isto é interessante verificar a questão da formação, da escolaridade. De 1991 a 2001 em relação à alfabetização, os homens entre os 20 e 24 anos cresceram 5,5 % e as mulheres 5,4%. Infelizmente o Brasil ainda tem porcentagens altas em relação ao analfabetismo, cerca de 16% da população. Mas em relação à educação superior os dados nos mostram que de 1991 para cá a população de pessoas graduadas e pós-graduadas cresceu 17,2% entre as pessoas de 25 anos ou mais. Dentre estes, as mulheres têm mais graduação que os homens, mas os dados indicam que os homens estão com uma porcentagem maior do que as mulheres nos cursos de pós graduação (57,0%) em relação as mulheres (43%) . Uma das causas apontadas pelo IBGE quanto a estas diferenças em relação à pós-graduação, está relacionado à fertilidade.

Podemos inferir que estes dados confirmam a busca da mulher por novos papéis sociais. Ela procura mais cursos de graduação para que estes possam prepará-la melhor para o mercado de trabalho competitivo.

Essa busca da mulher por mais formação tem sido a causa de muitos conflitos conjugais, porque uma vez formada, ela sente a necessidade de trabalhar. Trabalhando, ausenta-se de casa. Ausentando-se de casa, as tarefas domiciliares “sobram” para serem compartilhadas com mais alguém. Se não há uma empregada doméstica esse alguém é o marido

A busca da mulher por mais formação, nos faz pensar em outra questão: a individualidade. Cynthia Sarti (2002:43) escrevendo a respeito da família e o mundo moderno diz que

“o amor, o casamento, a família, a sexualidade e o trabalho antes vividos a partir de papéis preestabelecidos, passam a ser concebidos como parte de um projeto em que a individualidade conta decisivamente e adquire cada vez maior importância social”.

Segundo esta autora, a mulher a partir do controle da reprodução humana, reformula sua participação na vida privada e social. Ou seja, a partir do momento em que a mulher ganha espaço para expressar sua individualidade, os *“papeis familiares se tornam conflitivos na sua forma tradicional, embora a vida familiar continue tendo o mesmo valor social que sempre teve”* (Sarti 2002:43). Sendo assim, segundo esta autora, a autoridade patriarcal e a divisão de papéis familiares ganham novos significados.

A questão da individualidade faz aparecer para Sarti, a questão da identidade. Para discutir a questão da identidade ela trabalha os conceitos em Giddens que afirma que o indivíduo ao fazer escolhas fora dos padrões já formais expressa na verdade sua individualidade. Desta forma, a pessoa está dizendo quem ela é. Ao fazer escolhas fora do padrão, suscita a questão da autonomia. Giddens mesmo afirma que

“o indivíduo autônomo é capaz de tratar os outros da mesma forma e reconhecer que o desenvolvimento de suas potencialidades separadas não é uma ameaça. A autonomia também ajuda a configurar os limites pessoais necessários à administração bem sucedida dos relacionamentos”. (Giddens, in Sarti:46)

Para Giddens, a autonomia leva em conta o outro, é um caminho para um *“projeto igualitário de relacionamento entre homem e mulher”*. Esse projeto igualitário, entretanto, não traz a idéia de paridade, mas sim a compreensão do **sentido do outro**, ou seja, a compreensão dos meus limites e das necessidades do meu companheiro.

Por que a individualidade amedronta tanto o outro? Por que em relação à submissão

e à liderança em amor tem de haver tanto medo? Tenho visto maridos tolherem suas esposas quando estas expressam desejo de estudar ou trabalhar, dizendo que isso não é necessário. Esposas também fazem isso em relação a seus maridos. Seria medo de perder alguma coisa?

Se pudéssemos compreender o sentido do outro como Giddens recomenda talvez, casais compreendessem mais um ao outro. A submissão e a liderança em amor, princípios dados na Palavra, podem ser expressos hoje? Levam em conta a individualidade? De que maneira?

CONCLUSÃO - A expressão da submissão e da liderança em amor

Para muitas mulheres, têm sido difícil aceitar o que seja submissão. Uma destas dificuldades nasce da tradição e do modelo tradicional de família. Este modelo, próprio de sua época, caracteriza a família dentro do modelo patriarcal.

Neste modelo patriarcal subjaz a idéia, muitas vezes errônea, da autoridade caracterizada pelo autoritarismo e colocando a mulher num papel subjugado.

Existe um modelo de submissão? Como a submissão se expressa? Para a mulher indiana a submissão é absoluta e inquestionável. Ela sequer tem coragem de pedir ao seu companheiro que use preservativos em suas relações conjugais e extraconjugais. O resultado disto hoje na Índia é a expansão da contaminação pela aids, como aponta a reportagem de revista Veja de 30 de junho de 2004.

Para a mulher iraniana, após a revolução dos aiatolás, passou a significar silencio e obediência irrestrita a qualquer figura masculina. Para a profª de literatura inglesa Azar Nafisi da Universidade de Jonhs Hopkins em Washington, a questão da mulher no Irã não é em relação à questão do uso ou não do véu, mas se a mulher tem ou não o direito de escolher, se pode ou não interpretar a religião. Diante destes relatos, talvez devêssemos pensar em quais atitudes provocam a **insubmissão**. Seria o autoritarismo ou a falta de uma liderança segura? Para algumas mulheres no Irã as restrições à liberdade provocaram atitudes de rebelião e, portanto de insubmissão às leis impostas. Para a mulher de um alcoalatra poderia significar a falta de uma liderança segura.

Temos de reconhecer que para algumas culturas é mais difícil exercer a submissão do que para outras.

Seria muito complicado e comprometedor de minha parte aqui determinar quais atitudes seriam as mais adequadas em relação à submissão de uma mulher para com seu marido.

As mulheres presentes a este evento, brasileiras, cristãs em suas maioria, boa parte

esposas de pastores, estariam expressando submissão a seus maridos? Não me cabe julgar.

Foulks (1963) ao falar sobre a submissão e a mulher moderna afirma que a mulher pode trabalhar, estudar, desenvolver-se profissionalmente mas não deixar de cumprir com seu papel de esposa e mãe. Ora, se me permite a discordância, nós mulheres sabemos que não é tão simples assim, sem algum sacrifício isto é impossível. Hindson (1981) faz semelhante menção. Se a mulher passa um tempo fora de casa alguém terá de substituí-la em algumas de suas tarefas. Estaria a mulher descumprindo os princípios bíblicos se vier a passar algum tempo de sua vida ocupando-se com estudos ou com trabalho? E se isso durar muito tempo? Na minha forma de entender, passaria a viver com culpa e conseqüentemente infeliz.

Da mesma forma, seria muito complicado e comprometedor de minha parte, aqui determinar quais atitudes seriam as mais adequadas em relação à liderança em amor de um marido para com sua esposa.

Expressar a liderança em amor como o princípio bíblico determina pode parecer para o homem de hoje, tão bombardeado com a mídia que exalta a mulher objeto, como um patamar inalcançável diante dos olhos humanos.

Como fazer então?

Seria muito pretencioso de minha parte e muito contraditório apontar uma solução, um padrão. A Bíblia fala que o marido é o cabeça. Hinson (1981) fala do perigo de haverem duas cabeças na família. Afirma que o privilégio da liderança tra responsabilidade e traz sugestões de como o marido pode desenvolver a liderança em amor. São elas:

1. A Liderança em compreensão.
2. Liderança em honra.
3. Liderança em compartilhar.

O modelo sistêmico aplicado à família considera que *“as ações e comportamentos de um dos membros influenciam e simultaneamente são influenciados pelos comportamentos de todos os outros”*. (Calil, 1987:17) Este conceito considera que todas as mudanças que acontecem na família, afetam o outro. Este conceito de afetar e ser afetado nos leva a pensar na necessidade de sintonia para que toda a estrutura não desmorone. Cada membro da família desempenha um papel, tem uma função: pai, mãe, filhos e outros ... Quando há necessidade de uma mudança alguém deverá assumir o papel do outro.

Merval Rosa (2003) conduz o leitor em toda a sua obra a pensar na relação de respeito, de troca de ideais entre parceiros. Estimula os companheiros a olhar um para o outro na busca de soluções em comum, buscando entender o que é importante para o

outro, buscando formas de se adequar os desejos, os sonhos para a construção de alvos em comum. Recomenda a que se olhe para o futuro.

Bem, toda e qualquer família poderá se ajustar, se desenvolver bem, se tiver alvos em comum, se procurar desenvolver respeito entre seus membros.

Quando pedimos a Deus para que seja o Senhor de nossas vidas e de nossas famílias, Ele irá pedir em primeiro lugar que procuremos respeitar e honrar uns aos outros. Os princípios de liderança em amor e de submissão estão inseridos neste princípio maior que nortearão o respeito entre todos os membros de uma família.

Obrigada pela oportunidade de poder compartilhar com vocês nesta tarde estas idéias. Minha oração é que Deus nos dê a cada dia, mais sabedoria para vivermos de forma que mais Lhe agrade.

BIBLIOGRAFIA

ALLEN, Clifton J. *Comentário Bíblico Brodman*. Volume II Rio de Janeiro, Juerp, 1985

ÁRIES, Philippe. *História social da criança e da família*. LTC: Rio de Janeiro, 1978

CALIL, Vera Lúcia Lamanno. *Terapia familiar e de casal*. Summus: São Paulo, 1987

FOULKES, Francis. *Efésios, introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1963

HINDSON, Edgard E. *A família total*. Juerp: Rio de Janeiro, 1981

MALDONADO, Jorge E. *Fundamentos Bíblicos -Teológicos do casamento e da família*. Viçosa: Ultimato, 1996

ROMANELLI, Geraldo. *Autoridade e poder na família*. In *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Educ, 2002

ROSA, Merval. *A família e os desafios de um novo tempo*. Juerp: Rio de Janeiro, 2003

SARTI, Cyntia, A. *Família e individualidade*. In *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Educ, 2002

STROZZI, Gina *No princípio era o homem*. Biblia Word net em 12 de julho de 2004

SZYMANSKI, Heloisa. *Teorias e "teorias" de família*. In *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Educ, 2002.